

PORQUE NÃO MORRI?!

O ÚLTIMO GRANDE COMBATE

Victor Cerqueira

PORQUE NÃO MORRI?!

O ÚLTIMO GRANDE COMBATE

**TCHAZICA | MOÇAMBIQUE
1974**

VICTOR CERQUEIRA

Aviso ao leitor

Embora este conto tenha como base uma história verídica é uma obra de ficção.

Este conto não foi escrito segundo o novo acordo ortográfico.

O autor

Ao Marco Chagas

Quando te vi morto senti que também eu

Tinha morrido.

A rajada que te matou pelas costas

Seria para mim?

Sabes Marco que tendo dado a tua vida

Em nome da dignidade de um País chamado

Portugal

O teu nome não está no memorial dos mortos da chamada guerra colonial?

Sabes Marco

Que te esqueceram e esqueceram todos os GEPs e GEs negros que morreram?

Sabes Marco

Eles não sabem que o mundo ficou muito mais pobre com a tua morte

E eles, as elites, sejam intelectuais, professores, políticos, ficaram mais vazios na sua
ignorância

Mais pobres nos seus sentimentos em relação ao ...outro

Não sabem nada de nada

Mas eu sei que espero e desejo estar contigo

Muito mais do que com qualquer um deles

Porque tu representas a CORAGEM a FRONTALIDADE a HONRA assente na LEALDADE

Sabem lá eles o que isso é

Sabem lá eles o que é a HONRA

Sabem lá eles

O que é perguntar

PORQUE NÃO MORRI?

Lopes da Gama

Nov. 2012

1º CAPÍTULO

0 primeiro contacto

Como sempre o Alferes tinha acordado cedo.

Por isso acabava por assistir ao recolher do último turno de guarda. Não por controlo, ele tinha total confiança nos seus homens, mas coincidia o seu acordar com o fim do turno.

Naquele dia, o fim do turno tinha coincidido com a entrada da equipa que tinha estado em patrulha e a saída da outra equipa de patrulha. Este Alferes tinha sempre homens fora do destacamento, para ele a melhor defesa era o ataque.

A disciplina daqueles homens era o seu orgulho, quem os viu e quem os via percebia que a evolução daquele GEP 006 tinha sido fantástica.

Esta rendição tão madrugadora era contraditória com a sua própria prática operacional.

Ele fazia o assalto às bases da Frelimo, quando era caso disso, exactamente ao amanhecer. Mas que soubesse, pela já sua larga experiência, a Frelimo não fazia assaltos, fazia quanto muito ataques de longe, e, muito menos ao amanhecer. Além disso com tanta gente acordada não seria ali em Tchazica, que a Frelimo modificaria as suas tácticas...

O Alferes Lopes da Gama gostava de assistir ao nascer do sol, e naquele sítio era de uma beleza particularmente gloriosa. Tchazica, situada junto ao grande rio Zambeze, a norte da Província de Manica e Sofala, e a poucos quilómetros da cidade de Tete, era um local particularmente belo!

E ele estava ali por acaso, o Grupo estava dividido em duas partes, tendo ficado dois subgrupos em Massangano e os outros dois tinham vindo para Tchazica. O Comando do grupo ficaria naturalmente naquela localidade, relativamente perto, mas um dos seus Furriéis ia ser Pai e o Alferes tinha-o dispensado para ir a Lourenço Marques assistir ao nascimento e ele tinha ido para ali substituí-lo.

O Zambeze fazia ali em Tchazica uma espécie de garganta, e por isso formava uma baía com uma praia extensa de areia branca, circundada de árvores. Perto, havia a encosta de um monte não muito alto, talvez uns cem metros de altura, mas bastante íngreme, coberto de capim que naquela altura estava totalmente verde, dando, por isso, a sensação de a encosta estar coberta de um tapete de relva, aqui e ali algumas árvores de pequeno porte.

No cimo, uma floresta tipicamente africana.

O militar já ali tinha passado em operações aquando da montagem do destacamento e do aldeamento do Massangano, que ficava a cerca de 50 quilómetros, e já nessa altura tinha ficado fascinado com a beleza do local, não podendo deixar de pensar no potencial turístico daquele sítio.

Ali podia-se praticar desde motonáutica até alpinismo, passando por uma imensidão de outras actividades incluindo a caça grossa.

Aquele militar nascido e criado em Moçambique, em Lourenço Marques, tinha ficado apaixonado pelo mato. Só lamentava que este conhecimento do mato profundo, tenha sido adquirido nesta situação dramática de guerra, depois de mais de trinta meses de combate, e com a escola que era a companhia dos seus homens, todos eles Moçambicanos negros, de várias etnias e que conheciam o mato como as palmas das suas mãos.

Lembrava-se da sua primeira operação em que um dos homens lhe faz sinal para parar. Ele pára e pergunta porquê – tem gente, responde o soldado – Gente? Como sabes?

- Cheira!

Ficou estupefacto e só se perguntava;

- Onde é que eu me fui meter?

Uns tempos depois também ele já era capaz de sentir os diferentes cheiros do mato e diferenciá-los, descobrir os poços de água abertos pelos elefantes, separar as bostas sem a sujar...

A paixão pelo mato foi tal que ele, inclusivamente, já tinha metido os “papéis” para ir trabalhar para Administração; como Oficial entraria logo como Administrador de posto.

Era um desafio que o empolgava!

Havia tanto para fazer e os Administradores tinham tanta autonomia, meios nem por isso, como sempre, mas ter autonomia para ele era fundamental e no regime em que se vivia, era como ter “ar puro”.

Havia tantas injustiças a corrigir, havia tanto para fazer. Escolas, postos médicos, mercados... eu sei lá tanta, tanta coisa a construir.

Mas agora com a revolução em Portugal o que é que se poderia esperar?

Todos estes pensamentos vinham-lhe à cabeça naquela madrugada de 15 de Julho, como se de um filme se tratasse.

Lopes da Gama estava em Lourenço Marques quando se deu a revolução em Portugal, na Metrópole, como se dizia. E, meio despido, em tronco nu, saiu para a rua à procura de informação. No seu coração e na sua cabeça só uma palavra era “gritada” INDEPENDÊNCIA!

Moçambique ia ser finalmente independente, algo com que ele sonhava desde que se conhecia, e se aquela terra tinha condições para isso! Em meia dúzia de anos seria de facto independente política, económica e socialmente falando.

Bastava ser razoavelmente bem governada.

Mas as coisas não estavam a caminhar como ele sonhara. Naquele mesmo instante, negociadores Portugueses estavam em Lusaca a negociar os termos de um acordo com a Frelimo, ignorando a frente interna.

Ele tinha no seu grupo seis soldados que tinham sido guerrilheiros da Frelimo, dois deles altamente qualificados com formação na União Soviética e na China.

Havia que pensar naqueles homens, de salvaguardar a sua segurança e o seu futuro, e não lhe parecia que os negociadores tivessem sequer conhecimento da situação real de Moçambique, quanto mais destes casos.

As coisas estavam a andar depressa demais, ao fim e ao cabo quinhentos anos eram cinco séculos de permanência.

Cheirava-lhe a abandono, puro e simples...

Sentia-se particularmente angustiado naquela manhã. Não sabia porquê, deu o seu mergulho no rio, não sem antes dar uns tiros para afastar os crocodilos que eram “mais do que as mães” naquele rio, e regressou ao destacamento a pé pelo meio do aldeamento que também começava a acordar, mas que, estranhamente, estava particularmente silencioso e deserto naquela manhã.

-Meu Alferes..., meu Alferes..., gritavam quase histéricos enquanto corriam na sua direcção dois dos homens que tinham saído antes para a patrulha, a Frelimo...a Frelimo..., nem conseguiam falar...!

- Calma o que é que se passa? Já a prever o pior, o 006 era um grupo particularmente infeliz.

- A Frelimo...quatro homens armados levantou as armas e falaram connosco, querem falar com o nosso Alferes. O que fazemos?

Deu um salto do banco pegou na G3, chamou o Marco Chagas e o James Bond que era o homem da HK21 e correu que nem um louco com os outros dois.

Por instinto, corriam em linha, dedo no gatilho, sabia que o primeiro tiro teria que ser o dele, só depois os seus homens disparariam. Eles estavam treinados para isso.

Cerca de duzentos, duzentos e cinquenta metros à frente, vê os seus homens numa posição defensiva, continuava a correr. Dentro de uma moita, levantam-se os guerrilheiros com as armas no ar aos gritos.

A sua concentração era total! Dedo pronto a disparar, a aproximação rápida e em linha era-lhe favorável, a força e a determinação que aqueles homens transmitiam era avassaladora, aproximavam-se rapidamente da zona de tiro.

Os guerrilheiros entraram em pânico total e gritavam qualquer coisa que ele não percebia o que era, sentia os seus homens a correr ao seu lado um passo atrás de si, arma encostada à anca, corpo ligeiramente dobrado para a frente, dedo no gatilho.

Abrandonou a corrida, até parar. Com a G3 na anca apontada, gritou!

- Armas ao alto já!

Elas já estavam mas foi o que saiu...!

- Fernando recolher as armas!

Entretanto os outros elementos da equipa já os tinham cercado sempre de armas apontadas. As armas foram retiradas e os guerrilheiros amarrados de imediato. Não pode deixar de pensar em como estavam eficientes os seus homens, agiam com uma rapidez, eficácia e segurança que ele ainda há relativamente pouco tempo atrás não acreditava ser possível, quando o Coronel Pinto Ferreira lhe tinha dado o comando do 006.

Este acontecimento tinha feito com que ele “subisse pelas paredes a cima”, não acreditava de todo que seria possível transformar aquele bando armado numa máquina de guerra!

E aí estava!

Durante algum tempo ficou a olhar para eles, tremiam como varas verdes, dois dos guerrilheiros estavam todos cagados e os outros dois mijados. Tal o susto!

Dois deles eram ainda uns miúdos, outro, da idade do Alferes, para aí 22 anos, aquele que seria o chefe era bem mais velho, já bem entrado na casa dos trinta anos.

O momento era de tensão total, o que fazer?

Recordava-se perfeitamente que o primeiro passo tinha sido seu.

Na “banja”, com a população do aldeamento, num impulso, tinha dito à população em geral e em particular ao Régulo, que sabia que eles tinham contacto com os guerrilheiros e que eu também queria falar com eles.

Tudo isto depois de lhes dizer o que se tinha passado no “Puto” e do que se estava a passar em Lusaca.

E agora?

Começaram a falar, com um dos meus homens a servir de intérprete pois nenhum deles falava Português, cheiravam mal que se fartavam. O Alferes não pode deixar de dar uma grande gargalhada, daquelas que ele dava e punha todos a rir contagiados, aliviando dessa forma o ambiente extremamente tenso.

Com todos a rir o clima melhorou e a tensão diminuiu.

Tinham recebido a mensagem e queriam falar com a tropa, não queriam lutar.

O Alferes mandou desamarrá-los, para espanto dos seus homens. E foram para o destacamento. O resto dos soldados tinha entretanto montado a segurança, todos de arma em punho, colocados nos abrigos, para o que desse e viesse.

Convidou-os a sentarem-se na sua mesa, dentro de uma palhota aberta no centro do destacamento. A segurança manteve-se, mas boa parte dos homens rodeavam-nos curiosos.

Continuavam assustados. Mandou servir um café e pão com queijo, começaram a ganhar confiança e depois conversaram.

O Lopes da Gama ficou desde logo surpreendido pelo conhecimento que tinham do golpe de Estado em Portugal. E também das perspectivas que esta situação poderia abrir para a evolução da situação política e militar em Moçambique.

Também ficou a saber que estavam fartos de guerra. O mais velho, Joaquim, chefe daquele pequeno grupo, estava afastado da família há mais de oito anos e desde aí nada sabia deles. Tinha chegado a uma situação de total saturação e já nem sequer acreditava na luta, sentia-se abandonado, sem futuro, em suma...perdido.

Olhava para aquele “muana” que estava à sua frente a comandar aquelas tropas frontalmente, com dignidade, sem quaisquer laivos de subserviência, embora estivesse todo mijado.

O Lopes gostou dele, e, enquanto falava, os seus homens abanavam a cabeça de forma concordante. O Alferes ficou calado durante algum tempo, olhando para aqueles quatro homens que entretanto repetiam com gulodice o mata-bicho, não sentiu nenhuma espécie de raiva, muito menos de ódio. Eram Moçambicanos como ele. Simples agricultores a quem tinham retirado das suas vidas e das suas famílias, dado à pressão algumas ideias, metido uma arma na mão e lançados para a guerra. O Joaquim era do Niassa, mais dois dos seus companheiros, um distrito em que praticamente não havia guerra, restavam pequenas bolsas, que pouco faziam, tinha sido transferido via Malawi para Tete e ali estava.

Farto!

Olharam-se nos olhos durante uns segundos, o Lopes sentiu que tinha nascido entre eles uma certa empatia que não sabia explicar. E atirou a pergunta.

- Se a guerra continuar tu entregas-te?

Nem hesitou.

- Eu e muitos outros, estamos fartos de morrer, de sofrer, de não ter comida, de não ter família, de não pagarem nada e dizerem que vão pagar, mas nunca dizem quando. É muita mentira junta para muito sofrimento. Para quê?

Falou-lhe da sua família, das suas preocupações e de que gostaria de os encontrar de novo. Convida-o a almoçar com ele dois dias depois. Devolve-lhe as armas, para espanto do seu pessoal e despedem-se.

Agora tinha de enfrentar o seu Comandante, que não era “pêra doce”. Se calhar, pensava ele, tinha dado um passo maior que a perna e estava metido num bom sarilho. Mas precisava de um tempo para ele, estava com uma angústia terrível, tinha o estômago no coração e este na boca.

Tremia de excitação, mas precisava urgentemente de serenar antes de falar com o Comandante.

E tinha ainda de fazer uma banja com o grupo, que estava também deveras inquieto e perplexo sem perceber muito bem o que se passava.

Foi para a barraca, deitou-se na cama, mais propriamente no “burro” de campanha, fechou os olhos e tentou relaxar. A velocidade do seu pensamento era incrível. A sua vida decorria como se de um filme se tratasse na sua cabeça. Suava em bica e sentia-se deveras preocupado.

Onde se tinha metido?

E agora?

Passado algum tempo, uma hora, duas horas? Não tinha consciência do tempo que tinha passado. Sabia que estava tudo no “ar”. O seu homem do rádio já teria transmitido por alto o que se estava a passar, estas comunicações percorriam distâncias enormes e não interessavam só aos GEPs. Outras tropas da região operavam no mesmo canal.

Sentiu o clima de tensão e perplexidade no destacamento. O Lopes tinha uma especial sensibilidade para estas coisas...

Quando saiu da barraca estava o cabo Marco Chagas, seu braço direito, uma espécie de guarda-costas e impedido, à sua espera com um café. Não disse nada mas nos seus olhos o Alferes percebeu que ele, como sempre, estava consigo e se ele estava o resto dos seus homens também estavam. Embora preocupados! Mas a confiança no “Alferes base” como o tinham alcunhado, alcunha que já vinha do 005, mantinha-se inalterável, era total!

Reuniu o grupo e, claramente com toda a verdade, explicou aos seus companheiros o que se passava, as suas ideias e o que pensava seria o próximo passo. Os homens ouviram com atenção e total silêncio no fim perguntou:

- O risco é muito grande e muito perigoso. O que pensam disto, estão comigo?

Uma resposta simples e directa:

- O meu Alferes é que sabe, nós acreditamos no meu Alferes, aquilo que fizer, nós estamos também.

O Lopes respondeu com um...

- Obrigado!

Pegou na caneca e foi para o centro de comunicações em silêncio.

-Leão zero chama Águia, Águia Leão zero escuto!

A resposta foi imediata.

-Leão zero, Alfa responde, como está? Vou já chamar Águia escuto.

-O.K. escuto.

Como calculara, toda a rede estava à espera. Sentia-se agora estranhamente calmo, sereno mesmo.

Águia era nem mais nem menos, que o Coronel Pinto Ferreira, Comandante do CIGE (Centro de Instrução de Grupos especiais) onde eram formados os GE (Grupos especiais) e os GEP (Grupos Especiais Pára-quedistas).

Comandante há menos de um ano, tinha vindo substituir o Coronel Pára-quedista Costa Campos, que tinha sido o Coronel mais novo do País, com uma folha de serviços operacionais impressionante.

Era de facto um operacional, que estava sempre perto dos seus homens nas situações mais difíceis, o que naturalmente lhe granjeava um prestígio e uma respeitabilidade enorme junto de todos os homens. Ele era um operacional e um exemplo!

O Lopes lembrava-se muito bem, quando ainda no 005, de um assalto a uma base em que tinham sido emboscados com rajadas da degtiarev, uma metralhadora ligeira do tipo da MG com uma cadência de tiro idêntica mas muito mais leve, que tinham passado muito perto das cabeças dos seus homens.

A base situada na região do kalombo Lombo, um rio que definia a fronteira com a Rodésia, era enorme, seria sem dúvida uma base de recolha e distribuição de armas e logística da Frelimo e/ou da Zanu ou outro grupo de turras que combatia o regime Rodesiano.

Ao ser comunicada a detecção e a ocupação da base e perante a surpresa do seu tamanho, antes de ser destruída o Coronel Costa Campos aparece num helicóptero, só um, acompanhado do comandante do Guro. Desce do hélio, com a sua postura habitual, a G3 na mão direita o Racal (o rádio) no ombro esquerdo, e aquilo que chateava sobremaneira o Lopes e os outros quadros, com os seus brilhantes galões de Coronel.

Não era por usar ou não os galões, tal como com ele e com os outros Furriéis e Alferes ou soldados, pelo facto de serem brancos eram sempre, mas sempre, os alvos principais... Mas aqueles galões e o facto de ser o NOSSO Comandante era uma tremenda responsabilidade para quem estava no terreno e sentia a obrigação de o defender fosse de que maneira fosse.

O caricato da situação era que estando nós numa base que teria muito mais de uma centena de pessoas, entre turras e população, estando a nossa posição ainda pouco consolidada, tínhamos sido detectados antes do ataque e daí a forte emboscada e reacção posterior, continuávamos a ser flagelados, estávamos à espera da morteirada a qualquer momento. O Tenente-Coronel que ficou no hélio, num nervosismo incrível andava para cima e para baixo sem saber muito bem o que fazer, denunciando a sua posição e a dos GEPs enquanto o Comandante Costa Campos, explorava calmamente a base e os seus arredores.

Talvez por isso, por ter uma enorme preocupação com a guerra propriamente dita, “descurou” a instrução, os aspectos logísticos, e até, nalguns casos, os aspectos disciplinares e de operacionalidade que uma tropa como esta precisava.

Estava-se a atingir um certo caos em muitos aspectos, com repercussão clara na capacidade operacional dos GEPs.

A sua substituição foi de qualquer maneira muito sentida e mal aceite pela generalidade dos GEPs. Ainda por cima por um militar com um perfil claramente oposto.

O Coronel Pinto Ferreira era um disciplinador há moda antiga, botas engraxadas fardamento impecável fosse onde fosse. Mas também era um organizador nato. Era um militar de retaguarda com uma postura militarista no velho sentido da palavra.

Enfrentou e venceu, com coragem e muita tenacidade, as dificuldades inerentes a uma tropa que estava habituada a um tratamento mais informal e que era uma das características muito próprias desta força de elite.

Mas...

Os tempos de refrescamento começaram a ser mais respeitados, esta tropa era suposto ter três meses de actividade operacional e um mês de refrescamento, a instrução foi de novo acarinhada, reforçada e disciplinada e os resultados estavam a sentir-se rapidamente com o melhoramento da capacidade de intervenção operacional.

O Alferes Lopes da Gama apesar das suas muitas reticências de início, acabou por o aceitar e respeitar as opções do Comandante, que aliás se tinha mostrado muito tolerante com a sua reacção a quando da entrega do comando do GEP 006.

Ele tinha-se atirado ao ar!

- O meu Coronel sabe bem que aquilo não é um grupo, é um bando armado! Estou cansado e farto de transportar às costas as insuficiências dos grupos, já foi assim no 005 e agora isto! Tudo dito aos berros.

Deixou-o falar e dizer o que tinha para dizer e depois deu a “machadada”.

Pois é, mas não tenho mais ninguém e eu sei que para ti vai ser um desafio, que por aquilo que conheço de ti, depois deste desabafo, vais adorar! E mais! Tens carta-branca para limpar o grupo de pessoal que não queiras.

Ficou sem palavras. Olhou à volta e viu os sorrisos do Capitão Picão do Major Serra e o Major Morais e até do segundo Comandante. Estavam lá todos e todos eles vinham do anterior comando do CIGE.

Com esse olhar percebeu como é que ele (s) o conhecia (m) tão bem, apesar de depois da instrução ele ter passado a vida no mato.

- Leão zero, Águia.

- Águia, leão zero!

- Leão zero, Águia escuto!

- Então Leão zero o que é que se passa por aí!? Parece que há bastante actividade e estranha?!

Explica-me tudo com clareza e o máximo de pormenores.

OK Águia o que se passa é o seguinte: e o Alferes Lopes da Gama lá explicou tudo o que se tinha passado, não se esquecendo de referir que na génese deste encontro estaria o facto de na banja que tinha tido com a população do aldeamento, ter manifestado o interesse de se encontrar com elementos da Frelimo da zona. E disse mais...

- Águia toda esta situação poderá parecer-lhe estranha, mas para mim começa a ficar claro a evolução do processo de independência que está a ser negociado em Lusaca eu e os meus homens somos Moçambicanos, onde estão os nossos “porta-vozes”?

Por mim pego no meu destino e estou pronto a assumir os riscos inerentes, em relação ao Comando e em relação à Frelimo. Não sei muito bem para onde vou, mas estou como o outro “sei que por aí não quero ir”!

O Senhor apoia-me ou não?

Sentia-se estranhamente calmo, contra o que era normal, quando estava excitado ou a defender alguma causa, a sua voz saía calma e serena, mas determinada!

-Leão zero fique à escuta!

2º CAPÍTULO
Os grupos especiais paraquedistas
GEP

Os grupos Especiais Pára-quedistas, GEP, foram fundados pelo General Kaúlza de Arriaga como uma tropa Moçambicana, formada preferencialmente por Moçambicanos e que tinha por trás a ideia de uma força militar para apoio de uma futura independência daquela Província.

Esta preferência por Moçambicanos era, ou pretendia-se que fosse, algo de estruturante, e por isso foi sempre mal acolhida pela Metrópole daí as verbas destinadas a estas forças virem das “sobras” do Comando-chefe...

Esteve sempre muito ligado a esta força especial o Engenheiro Jorge Jardim e era aliás, cognominada quanto a Lopes da Gama mal, pelos detractores locais e nacionais da ideia, “pela tropa do Jardim” e, por outro lado, pela Frelimo de mercenários.

De facto esta tropa era mais bem remunerada do que a tropa normal e até das diferentes tropas especiais. Mas esta ligação que de facto existia, sobretudo em termos de concepção, fundamentação ideológica e filosofia, dava-lhe a matriz de tropa Moçambicana para um futuro relativamente próximo, de total independência de Moçambique.

Se ligarmos os GEP aos GE (Grupos Especiais) mais esta matriz se acentuava.

A concepção destas forças especiais tinha como base princípios simples, ou seja: autonomia, enorme capacidade de sobrevivência com poucos meios e, por isso grande mobilidade e operacionalidade. E barata.

Expliquemos: cada grupo era composto por oitenta homens, um Alferes e quatro Furriéis (na concepção original seriam cinco, um para apoio directo ao Alferes mas nunca se concretizou) divididos em quatro subgrupos de vinte homens. Os subgrupos eram comandados pelos furriéis e cada um destes subgrupos tinha uma equipa a que se chamava equipa de comando que era composto por um homem do morteiro sessenta, o homem da metralhadora mais pesada normalmente a HK21, o homem do rádio (racal) e o enfermeiro, todos cabos e comandados por um cabo. Depois mais três equipas de cinco homens também comandadas por cabos.

Esta pequena força, como se pode ver tinha uma larga capacidade de poder de fogo, mobilidade e por isso intervenção.

E, dada a natureza e origem dos seus homens, os GEPs podiam estar em operação, vários dias sem grandes preocupações de reabastecimento alimentar.

O primeiro comandante dos Grupos Especiais Pára-quedistas foi o Coronel Pára-quedista Costa Campos, um dos oficiais mais condecorados das forças Armadas por acções em combate e, aquando da atribuição deste comando, o mais jovem Coronel das Forças Armadas Portuguesas. A má-língua que nos é tradicional, dizia aliás, que ele só tinha aceitado preparar esta força exactamente para ser promovido...

A preparação militar era administrada por Sargentos e Oficiais Pára-quedistas profissionais, todos eles com larga experiência operacional em diferentes teatros de guerra e com folhas de

serviço impressionantes. A escolha foi tão criteriosa que se costumava dizer que tinham o dedo do comandante. O dedo e a confiança.

Alguns destes instrutores, depois de ministrar a preparação integravam os próprios grupos e foi assim sobretudo nos primeiros dois grupos, o 001 e o 002, embora esta filosofia fosse dentro do possível mantida ao longo da história desta tropa de elite, isto é os Furriéis e Alferes ministravam a preparação inicial dos seus próprios homens. Os Oficiais e Sargentos “Paras” profissionais normalmente ficavam-se pela instrução.

Os primeiros soldados, que dariam origem ao 001, 002, 003 e suponho 004, tinham uma origem muito diversificada, sendo no entanto a maioria do norte com preponderância das etnias Macua e Maconde, que se foi alargando a quase todas as etnias de Moçambique.

Um aspecto muito importante a salientar é que muitos deles, alguns graduados em Furriéis, eram quadros e ex guerrilheiros da FRELIMO.

Penso aliás, que existiam em quase todos os grupos, no 006 eram seis entre soldados e cabos.

O Centro de Instruções de Grupos Especiais (CIGE) foi sediado no Dondo, pequena Vila a cerca de trinta quilómetros da Beira. Aproveitaram um antigo quartel que tinha sido desactivado e que estava em muito mal estado, mas que foi sendo recuperado pouco a pouco.

Como o Quartel estava no centro da Vila e era pequeno, aproveitava-se para a Parada o enorme largo central da mesma. O que acabava por se transformar num autêntico espectáculo com uma certa beleza, porque não só se fazia as praxes normais, apresentação dos Grupos, recepção dos mesmos quando vinham do mato, etc. Etc., como se fazia a preparação física e de ordem unida. Era um espectáculo.

Esta era a filosofia que estava na génese da formação destas tropas de elite e que era coerente com a nova estratégia do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Moçambique numa cada vez maior africanização da guerra.

A quando do envio para as zonas operacionais os GEPs ficavam dependentes do COFI (Comando Operacional das Forças de Intervenção) e adstritas em termos de logística a uma qualquer companhia que estivesse no local para onde eram mandados ou se não houvesse outras tropas seriam em termos logísticos autónomos.

Já os GE iam para junto das suas populações, de onde eram originários (normalmente) e viviam com as suas famílias, participando nas operações julgadas convenientes pelos seus comandantes e pelas tropas locais, com grande sucesso, diga-se de passagem. Mas o Poder central em Lisboa, nunca foi muito favorável a esta tropa pois percebia qual o seu grande objectivo futuro e, como é claro, não lhe agradava.

Desde sempre o Lopes da Gama e os outros quadros dos GEPs Moçambicanos percebiam e detectavam as tentativas de boicote, por vezes patéticas, de Lisboa.

Começaram por mandar Alferes e Furriéis da Metrópole para o CIGE numa tentativa de que entrassem naquelas tropas especiais GE e GEPs.

Ora, sendo aquela força totalmente voluntária, a grande maioria não queria entrar até porque percebiam que a instrução era bastante dura e que os riscos eram enormes.

Aqueles que se ofereciam, rapidamente entravam no espírito da força e a sua integração era igual às dos Moçambicanos de origem.

Por outro lado é preciso esclarecer que o RDM (regulamento de disciplina militar) era ignorado por estas tropas, eles, na sua maioria eram analfabetos, vinham do mato e estavam-se marimbando para regulamentos que não entendiam nem queriam entender.

Cinco dias de cadeia para eles eram cinco dias de “rabo para o ar”. A disciplina e as regras eram ensinadas pelo exemplo, ou seja, por modelação. Os Oficiais e Sargentos – estes sim sujeitos ao RDM – não tinham hipótese nenhuma de receber respeito dos seus homens se não actuassem exemplarmente. Só assim os conquistavam e uma vez conquistados eram TOTALMENTE fiéis.

Nos GEPs não havia falatórios, não havia comentários, não havia inconfidências, as coisas operacionais e disciplinares nasciam, desenvolviam-se e morriam no seio dos grupos. Nada mais! Ora esta situação aliada ao voluntariado afastava a grande maioria dos “enviados” da Metrópole. Por estas razões e mais outras aquela tropa não era para todos...

De qualquer forma é preciso dizer que os poderes de Lisboa tinham sobretudo uma permanente preocupação contra os GEPs, mas também em relação aos GEs daí a permanente e progressiva alteração da filosofia base da formação daquelas tropas africanas.

Estas alterações são relativamente fáceis de enquadrar no tempo. Vejamos; o General Kaúlza de Arriaga deixa o Comando-Chefe das Forças Armadas de Moçambique em Agosto de 1973, (é substituído pelo General Bastos Machado) logo de seguida o Coronel Costa Campos deixa o Comando do CIGE e pede para passar à reserva.

Não era fácil resistir aos boicotes permanentes vindos de dentro das estruturas militares e políticas sem o apoio do Comando-Chefe e o Coronel Costa Campos não estava para isso.

E vem o Coronel Pinto Ferreira...

Como foi dito anteriormente, este militar não sendo propriamente um operacional, também não era um oficial do “ar condicionado” ou seja, dos “Estados Maiores” ou dos “Quartéis-generais”. Vinha do Fingué onde comandava um batalhão.

Com a vinda deste Oficial Superior deixava de haver resistências á alteração orgânica dos GEPs e GEs. Avançando assim para uma organização tradicional de infantaria que era aquela que aquele oficial conhecia e que dizia que era o que faziam as chamadas tropas pára-quadistas uma vez que nunca ou quase eram lançadas de avião e, por outro lado um pouco surpreendentemente também o Coronel Pinto Ferreira, tal como a FRELIMO, considerava os GEPs e GEs... mercenários.

NOTA IMPORTANTE: o Coronel Pinto Ferreira fez declarações que chocaram os militares que um dia serviram no CIGE e que aqui são transcritas sem comentários e que ajudará os leitores a perceber as alterações que estavam em curso naquela força especial.

Depois vim para baixo e, para mal dos meus pecados, fui escolhido para comandar o CIGE (Centro de Instrução de Grupos Especiais), que tinha os GEs, os chamados Grupos Especiais, e os GEPs, Grupos Especiais de Pára-quedistas, os únicos pára-quedistas negros do nosso Exército. De resto, nunca fazíamos operações com pára-quedistas – de resto, as nossas tropas de pára-quedistas em África foram sempre tropas normais de Infantaria, no terreno e não através de lançamentos por avião.

Estes homens GE's GEP's, etc., que lutavam Connosco Pode-se perguntar um bocadinho porque é que lutavam. A ideia lançada é que eles eram portugueses. Claro que não, eles eram totalmente mercenários. A qualquer negro, em qualquer dos sítios onde eu estive, a melhor coisa que se pode dar é uma bonita farda, é uma arma de fogo, ou uma mulher. Eles adoram isso! Eles estavam na tropa, nos Grupos Especiais, tinham um belíssimo ordenado para o que ganhavam normalmente.

*In: Estudos Gerais da Arrábida – “A descolonização Portuguesa” | Painel dedicado a Moçambique (29 de Agosto 1995)
Depoimentos do general Duarte Silva, coronel José Pinto Ferreira, Nuno Bederode dos Santos.
Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa | Arquivo de História Social*

Com a vinda dos Capitães, aquilo que se iria passar pela leitura do Lopes da Gama seria a progressiva substituição dos Alferes como comandantes dos grupos por Capitães, como se de companhias se tratasse e os Furriéis, por aqueles como se de vulgares pelotões se tratasse.

Entretanto cada Capitão pretensamente, iria “coordenar” dois grupos o que poderia vir a fazer sentir aos grupos que estavam no terreno um maior afastamento da cadeia de comando.

Na sua acção até ali o Lopes da Gama ainda não tinha tido intervenção de nenhum Capitão. Estava tudo ainda, parecia, a “apalpar o caminho”.

No entanto o Lopes da Gama tinha uma ligação fortíssima com o Capitão Luís Fernandes que tinha sido seu Comandante no 005, e com os Capitães da fundação desta força militar que se pretendia diferente e especial.

Não tinha problemas de...coordenação.

Para os mais antigos não fazia nenhum sentido esta “evolução” que no entanto ficou pelo caminho porque entretanto se deu o 25 de Abril de 1974 em Portugal o que veio a alterar todos os pressupostos e as estratégias que eventualmente se tivessem programado.

3º CAPÍTULO

0 segundo encontro

- Leão zero, Águia!
- Águia, Leão zero escuto.
- Leão zero parece que mais uma vez ultrapassaste os limites. Este é um problema novo que não tínhamos equacionado nesta fase. É uma total surpresa para mim, e para todos aqui no CIGE, vou contactar o Comando Geral.
- Entretanto segue a tua ideia mas atenção! Cuidado com a segurança, nada de homens armados da Frelimo dentro do destacamento, percebido?
- Afirmativo Águia, obrigado pela confiança.
- Qual é o passo seguinte Leão zero?
- Convidei o grupo que apareceu para almoçar depois de amanhã, a intenção é subir na hierarquia vou tentar que ele consiga um encontro com o comandante dele. Estou a trabalhar por... se quiser, estímulos e palpites!
- Tu és completamente doido, tens a noção do risco que estás a correr e a fazer correr os teus homens?
- Afirmativo Águia, mas os encontros serão aqui no destacamento, sempre no meu campo. Não tenciono, pelo menos nesta primeira fase, ter algum encontro numa base deles, por exemplo, ou mesmo em campo neutro. Como sabe não brinco em serviço...
- Pois não, mas sinceramente não estou a gostar nada dessa situação, espero bem que isso não dê um grande buraco! A partir de amanhã sempre às 10 horas falas comigo, OK? Terminado!
- OK Águia, mais uma vez obrigado, até amanhã, terminado!

O Alferes deu um grande suspiro de alívio, uma etapa difícil tinha sido superada, com bastante facilidade diga-se de passagem. O Comandante mais uma vez o tinha surpreendido agindo de uma forma com o qual não contava.

O processo estava em curso para o bem ou para o mal...

Começaram a “chover” chamadas.

As chamadas começaram pelos camaradas dos outros Grupos; que estavam no mato, os radiotelegrafistas não resistiam a mandar uma “boca” sempre de apoio e de força, antes de passar o rádio aos seus superiores, quando não eram estes que estavam a operar o rádio.

Sem dúvida, o 006 não estava sozinho!

Os GEPs em força estavam com ele. Havia uma grande preocupação com o futuro.

Estavam todos, mas todos, meio perdidos com a evolução política.

O clima presente era mais do que nunca de perfeita união fraterna, numa simbiose total de todos os GEPs.

Mas...e o futuro?

Aí a angústia aumentava e as mãos apertavam a espingarda...

O alferes estava meio zozno com tanta emoção e tanta preocupação. Foi para a sua tenda e

deitou-se. Sabia que não ia dormir. Pegou nos cigarros.

Bolas! Já não fumava há algum tempo!

Tal como tinha dito ao Águia não sabia muito bem o que estava a fazer e porque estava a fazer, estava a agir primeiro por impulso e depois por instinto, mas porquê e sobretudo para quê? É que não sabia de todo!

O que não fazia sentido! Estava a arriscar a sua vida e a dos seus homens de uma forma que até aí nunca tinha sucedido. E sabia de uma coisa, se até há bem pouco tempo atrás morrer, ficar ferido, fazia parte das regras AGORA NÃO QUERIA MORRER! Agora não! Na praia não!

Até aqui sabia o que estava a fazer na guerra, sabia porque estava nos GEPs, ao contrário de outros a sua opção tinha sido consciente e não a renegava.

Estava nos GEPs para combater a Frelimo e para preparar a independência de Moçambique!

Com quem e para quem?

Com todos e para todos é claro. Negros, mulatos, indianos, chineses, brancos, enfim, para todos aqueles que faziam daquele território uma terra multicultural, em vários aspectos, inclusive a religiosa e que sentiam como sua aquela terra. Mas com a devolução da dignidade e do poder à maioria evidentemente. Havia muitíssimas injustiças a corrigir. Muitas mesmo! Disso não tinha qualquer dúvida. Mas sempre tinha sentido e reflectido que não seria com a Frelimo que este desiderato seria possível.

E não seria possível desde logo por razões ideológicas, a Frelimo era um partido Marxista Leninista e por isso tinha como objectivo o estabelecimento de um regime comunista em Moçambique. Ora, apesar de quando mais jovem o Lopes ser Maoista por acreditar que o sistema Chinês seria bom para o seu País, o facto de ter viajado pela Europa e ter assistido em directo a invasão da Checoslováquia pela televisão, (estava em Estrasburgo), fê-lo pensar e observar com mais atenção as sociedades europeias, e assim perceber que não era por ali, não era pelo sistema comunista que Moçambique poderia vir a ter um futuro promissor e justo como aquele povo merecia e desejava.

Rejeitava então a Frelimo?

Só se fosse parvo! A Frelimo era a força política Moçambicana mais organizada, com apoios internos e externos poderosos. Mas daí a ser a única com quem dialogar e a quem se entregaria todo o poder, nem pensar! Pelas várias razões apresentadas e mais algumas.

Tudo isto ia pensando o Lopes da Gama, na cama, girando de um lado para o outro como se tivesse bichos-carpinteiros, enquanto tentava adormecer.

Depois de uma noite muito mal dormida o Lopes tomou o mata-bicho, que se resumia a um copázio de leite, pegou na G3, sentou-se ao volante do “pincher” e foi conduzindo devagar até ao aldeamento.

Ainda era muito cedo, começavam as crianças e as mulheres a sair das suas palhotas. O aldeamento estava calmo, as fogueiras exteriores fumegavam criando uma espécie de neblina que misturada com evaporação do cacimbo nocturno se espalhava pelas diversas ruas deixando um cheiro a madeira queimada que curiosamente era um cheiro agradável. Parecia que nada tinha acontecido na véspera. Quantos guerrilheiros da Frelimo estariam a dormir, ou teriam dormido, naquele aldeamento? ... Era uma guerra esquisita esta.

O Lopes foi até junto ao rio, não estava sozinho, o Marco Chagas acompanhava-o, ao seu lado, com a arma e algumas granadas, em silêncio. Era um espectáculo de pessoa o Marco Chagas. Leal, discreto e eficiente! O facto do Marco querer estudar foi a principal razão para o escolher como seu “braço direito”, com ele participaria em menos operações, logo, teria mais tempo para estudar e teria o seu apoio como uma espécie de explicador, até porque ele próprio queria continuar a preparar-se para os exames do Instituto industrial. Tinha acertado em cheio na escolha.

O Marco Chagas era a demonstração da lealdade, da confiança, da discrição, com um cuidado inexcedível no tratamento do seu equipamento que estava sempre impecável, com a G3 a ser sempre limpa e testada sempre depois de uma saída. Aliás a história da G3 do Lopes da Gama já fazia parte do anedotário que se vai construindo ao longo do tempo na tropa. Era uma velha G3, ainda de fuste preto, deve ter sido das primeiras G3 que vieram substituir as Mauser, já nos idos anos sessenta.

Mas ele só confiava naquela arma, a primeira e única que lhe entregaram no CIGE, o armeiro no CIGE passava as “passas do Algarve” nos períodos de refrescamento para não dar baixa da mesma ou entregá-la inadvertidamente a outro. Até a escondia!

E nesse controlo da arma tinha um colaborador assíduo e atento. O bom do Marco Chagas, claro! Ele, ao olhar para aquele soldado, que antes de tudo o resto era um amigo, sentiu que ao longo destes cerca de trinta meses de tropa, Deus tinha estado com ele.

O que aconteceria daqui para a frente?

O dia passou com a habitual rotina. Desta vez o Lopes recomendou ao cozinheiro que fizesse um bom bife com batatas fritas para o seu almoço com os guerrilheiros, acompanhado de arroz de ervilhas evidentemente, não queria que ficassem com fome... Falou com Águia pela rádio e com uma série de companheiros que queriam falar com ele, GEPs e não GEPs, “pacassas”, como eles alcunhavam a tropa normal, que lhe davam incentivo e conforto moral. Bem precisava.

Continuava muitíssimo intranquilo e estava morto que aquilo terminasse.

No dia seguinte, veste o camuflado, o velho, o de combate, eram um dos três rituais que o Lopes tinha, a G3 o camuflado velho todo remendado e a faca de mato que o acompanhava sempre, fosse para onde fosse, diz ao Fernando que faça o mesmo e espera.

Por volta das onze horas, chegaram os guerrilheiros, vinham sorridentes e mais bem arranjados. O Joaquim aproximou-se para um aperto de mão e entregou de imediato a kalash, seguido de imediato pelos outros três.

O Lopes olhou com um enorme sorriso para o aldeamento que aparentemente estava normal com excepção de algumas mulheres que assistiam à cena. Era pouca gente para o acontecimento, onde estariam os outros, os homens? Talvez nas machambas, mas se estavam nas machambas porque estavam as mulheres no aldeamento quando eram elas que normalmente trabalhavam?

Mandou chamar o Régulo para almoçar com eles.

Foi um palpite daquele momento, que tinha sido despertado pelos sorrisos das mulheres.

Era preciso envolver a população naquele assunto e o Régulo era o ideal. Até porque, sem dúvida nenhuma, tinha relações com a Frelimo, ou então dificilmente estaria vivo, para além de que a história destes encontros tinha a sua mão...

O convívio fluiu com naturalidade, os soldados conversavam animadamente com os guerrilheiros, ou turras, como lhes chamavam na linguagem do quotidiano.

O Joaquim também ia conversando com este e aquele, estavam sorridentes e descontraídos.

Nos seus soldados nem todos se sentiam assim confiantes. O Alferes via umas tantas, bastantes, caras fechadas e com pouca vontade de entrar em diálogos e muito menos convívios, mantinham-se à margem.

A segurança estava relaxada, mas estava lá...

Por volta do meio-dia - o Alferes era um homem de rotinas - começou a ser servido o almoço, todos se integraram na bicha, turras e soldados.

Que espectáculo estranho!

Entretanto chegava o Régulo, com a sua vestimenta oficial de gala, o que não deixava de ser irónico, tendo em conta que aquela farda era paga pelo Governo Português que era suposto ele servir, e, no entanto, servia (também) a Frelimo, mas para aquela ocasião veste a "farda" oficial colonial.

Ironias de África, que só os Africanos percebiam e que fez o Lopes lembrar uma conversa que tinha tido com o seu Pai, já lá iam uns anos.

Nessa conversa o militar explanava cheio de entusiasmo e de certezas que defendia com todo o ardor um Moçambique independente, afastado de Portugal e dos Portugueses assim e assado. Até que o Pai se volta para ele e lhe diz:

- Já pensaste que um dia podes estar com uma espingarda de um lado da barricada e eu do outro?

Foi com se tivesse levado um murro no nariz! Fê-lo pensar e reestruturar todo o seu pensamento político.

De facto ele não podia rejeitar as suas origens como Português, (Pai Minhoto e Mãe Lisboeta) que era a sua cultura mãe, nem Moçambique as podia esquecer, estava impregnado na sua cultura, na cultura negra e na branca eram ...500 anos de permanência.

E ali estava representada a misceração naquela figura do Régulo que de alguma maneira representava os seus ancestrais e do seu povo.

O almoço decorreu muito bem. Na mesa, para além do Lopes estavam o Régulo, o Furriel Afonso, o Joaquim, guerrilheiro da Frelimo e o Cabo Fernando Chagas. Os outros guerrilheiros comiam com o resto da tropa.

Dois soldados serviam, uma delicadeza do cozinheiro, pois não tinha sido prevista esta situação - normalmente seria o cozinheiro a servir - que dava um certo “requinte” ou, se quisermos, aumentava o aspecto “surrealista” daquele acontecimento.

Assim, nos confins do mato Moçambicano, na África profunda, cinco homens, um mulato, três negros e um branco, de formações intelectuais, morais, éticas e religiosas completamente diferentes, estavam à volta de uma mesa, feita de troncos de árvores e canas, para almoçar um bom bife com batatas fritas e ovo a cavalo...e falar.

Apesar de brancos e negros, não era só isso que os distinguiu, cada um deles era de etnia diferente. O branco, de origem Portuguesa. O mulato de origem mista, branca portuguesa e negra do norte. Um dos negros, o Joaquim, Maconde. O Régulo, Chissena.

O Marco, Sena. Para se comunicarem tinham que utilizar um intérprete, sendo que nas dificuldades de comunicação se utilizava o Português, como base da comunicação, as semelhanças entre o Sena e o Chissena.

Incrível!

A única coisa que tinham em comum, era esta coisa que parecia tão simples e era de facto muito complicado.

Serem Moçambicanos!

No decorrer da conversa, para além do testemunho do cansaço e saturação da guerra mais uma vez manifestada pelo Joaquim, falou-se de generalidades tais como: as armas utilizadas, de um lado, as Simonovs, Kalashnikovs as Degtiarevs, etc. E por outro, as G3. Ficando o Lopes a saber que eles tinham um autêntico terror quando as ouviam “cantar”.

- Chi meu Alferes, quando começa, bom, bom, bom...é tão forte, que agente ficava a tremer e fugia...fugia...que nem sei!

Entretanto o Lopes introduziu o que lhe interessava.

- O seu Comandante sabe que vocês se encontraram conosco?

- Sim sabe...

- E concordou com isso?

- Sim, concordou.

- Quero encontrar-me com o Comandante da Zona, aqui no destacamento, é possível você conseguir isso?

- É possível sim senhora, ele também quer encontrar com meu Alferes, eu vou dizer a ele depois ele vem cá. Fica bem assim?

- Fica muito bem Joaquim, obrigado.

Grande parte do pessoal do grupo e os outros turras estavam à volta da palhota acompanhando a conversa, com muita atenção e curiosidade.

O Lopes da Gama olhava em volta e sentia um clima de grande ansiedade e alguma tensão.

No meio da tarde despediram-se com um aperto de mão forte. Todos os guerrilheiros fizeram questão de apertarem a mão do Alferes, com manifesta satisfação e já com alguma subjugação ao seu poder.

4º CAPÍTULO
O encontro com o Comandante;
Camarada Machesse

Passaram-se dois dias sem grandes novidades. Tudo tinha voltado à rotina do destacamento.

Dia 13, uma manhã normal como as anteriores, por volta das onze horas um grande “burburinho”, vindo do aldeamento.

O Lopes olhou com atenção, pegou na arma e todos os seus soldados fizeram o mesmo.

Vinha um grande grupo de guerrilheiros a aproximarem-se do destacamento, com eles além do seu já conhecido Joaquim, vinha também o Régulo.

Caminhavam com rapidez e chegaram à sua frente.

Agora era a sério!

Tinha à sua frente um verdadeiro chefe, para aí uns trinta anos, queixo levantado, bem fardado, com pistola à cintura, uma Tokarev, olhava com firmeza e alguma arrogância, olhos nos olhos. O Lopes retribuiu o olhar com firmeza e com uma postura idêntica, apertou-lhe a mão, perguntou-lhe o nome.

-Comandante Jonhy Momba, respondeu ele, depois de uma pequeníssima hesitação que não passou despercebida ao Lopes.

- Vou tratar de alguns assuntos, disse o Lopes, fique aqui. Foi seco e directo.

Não lhe tinha agradado o Jonhy, demasiada arrogância para o seu gosto, mas podia ser uma manifestação de timidez ou de algum receio. Não acreditava no nome. Chamou alguns homens e deu-lhes instruções de segurança. Criou um perímetro de segurança e colocou uma equipa fora do destacamento numa posição estratégica e com muito boa visão sobre o mesmo.

E regressou à companhia do Comandante e do seu grupo.

Aquele momento era para aquele oficial GEP, um momento histórico. Foi buscar a máquina fotográfica. Por ironia do destino era uma máquina de fabrico Russo, apanhada numa base da Frelimo. Chamou os guerrilheiros colocou o Comandante no meio e vai de tirar fotografias.

Deliraram!

Esta acção fez quebrar a tensão que havia no ar. Tiraram-se fotografias em todas as posições possíveis e imagináveis. Os soldados adoravam tirar fotografias. O Alferes, como não podia deixar de ser, também tirou fotografias, entre elas algumas com o Comandante da Frelimo em diversas poses, entre as quais até a apertar mãos, como se de um encontro entre estadistas se tratasse.

Gastaram-se dois rolos de trinta e seis fotografias.

Muito bem gastas, considerava o Alferes, pois assim tinha o encontro bem documentado em termos fotográficos e isso poderia ser-lhe útil no futuro.

Conversaram.

- Então diga lá senhor Comandante Jonhy Momba há quanto tempo está neste sector?

- Há bastante tempo, para aí três anos mais ou menos e o senhor?

- Eu estou aqui há pouco tempo, cerca de um mês e meio na zona e aqui no Tchazica há duas ou três semanas, mas já aqui tinha estado pois fui eu que comecei o aldeamento do Massangano.

Este destacamento e este aldeamento do Tchazica foram posteriores.

- Eu sei já cá estava...

- O que pensa dos desenvolvimentos políticos em Portugal? Finalmente derrubaram a ditadura Salazar/Marcelo Caetano, e agora? Perguntou o Jonhy.

- Não sei muito bem o que vai suceder. Confesso que o desenvolvimento que as coisas estão a ter não me agrada, estão a ir depressa demais, quinhentos anos de história não se eliminam assim, de um dia para o outro. Por outro lado não vos reconheço, à Frelimo, como únicos representantes do Povo de Moçambique. Mas vamos ver o que acontece.

O que me parece é que não faz sentido morrermos agora e andarmos aos tiros como se nada tivesse passado!

- Não acha?

- Quanto aos tiros, concordo, quanto ao resto não! Nós somos os únicos representantes do povo Moçambicano e aquilo que disse é perigosamente reaccionário!

O Lopes sorriu, aparecia finalmente a linguagem “revolucionária”. Com alguma ironia disfarçada disse:

- Estou a pensar em mandar as populações dos aldeamentos para as suas antigas terras, neste momento se calhar já não se justificam os aldeamentos...

O camarada quase saltou da cadeira.

- Não faça isso, não faça isso!

- Não!? Então vocês chamaram sempre a estes aldeamentos, campos de concentração, e agora diz-me que não? Não estou a perceber!

Atrapalhadíssimo...

- Bem, teremos de falar mais disso no próximo encontro. Vou contactar com os meus superiores.

O Lopes ria perdidamente por dentro. Mais uma vez aquilo que era um campo de concentração sem vedações, em dada altura passaria por artes revolucionárias, de um dia para o outro, a ser uma importante “aldeia comunal”, fantástico!

- Tudo bem, também não há pressa. Quando é que nos voltamos a encontrar?

- Eu comunicarei consigo a comunicar a data, pode ser?

- Claro que pode, terei muito prazer em estar consigo e poderemos nessa altura falar do futuro, OK?

- OK, combinado.

Um forte aperto de mão selou a conversa, ele e os seus homens retiraram-se do destacamento.

O alferes foi para o rádio.

- Águia Leão zero escuto!

- Leão zero vou chamar Águia escuto!

- OK.

- Águia chama leão zero, leão zero águia escuto!

- Águia, leão zero a responder.

- Como estás? Tens passado bem? E o ambiente com os teus homens, tens as coisas controladas? Estou deveras preocupado, aliás estamos todos, o CIGE vive em angústia permanente. Vê lá se precisas de alguma coisa, se precisares seja do que for diz que eu tento arranjar.

- Águia, tudo bem por aqui, os homens embora preocupados estão comigo, nunca estivemos tão fortes e unidos como agora. Estamos angustiados mas ao mesmo tempo serenos. Temos recebido manifestações de apoio de todo o lado, mas o seu é para mim muito importante, em último caso se houver azar quem se lixa é o águia.

- Pois é, mas não te preocupes com isso, conta-me o que se passou com o Comandante, sei que apareceu.

O Alferes Lopes da Gama lá relatou com todos os pormenores o seu encontro.

Também o Comandante não acreditou no nome e ficou surpreendido com a questão dos aldeamentos.

- Não percebi aquela dos aldeamentos, não ultrapasses os teus poderes, se não zangamo-nos, percebeste? Escuto!

- Percebido Águia, preciso de combinar uma coisa consigo.

- O que é?

- No próximo encontro com o comandante quero que o grupo que está no AB7 esteja de prevenção zero horas, mais, que mobilize os pilotos dos FIATs e das libelinhas para estarem também de prevenção. Poderá ser? Quanto ao nosso grupo, não tenho dúvidas, mas sem os outros não dá nada.

- Vou tratar disso, fica descansado e depois comunico, mas parece que não está muito confiante, o que se passa?

- Nada, é um sentimento e ao mesmo tempo uma questão de estratégia e segurança. Eles são muitos, bem mais do que nós.

Sinto que o próximo encontro vai ser crucial.

- Entendo e concordo. Se não tens mais nada, boa sorte, muita atenção nada de baldas e terminado.

- Terminado!

- Leão zero, leão zero fala onça zero, escuto.

Onça zero era o comandante do 009 que estava na base aérea de Tete (AB7).

- Olá onça zero ouviste a minha comunicação com o Águia?

- Claro que ouvi Leão zero, não fazemos mais nada ultimamente do que seguir as tuas comunicações, nunca foste tão ouvido na tua vida. Mas fica descansado que além de nós, também todo o pessoal da base está a seguir essa tua aventura e está tudo preparado para o que der e vier. Também tens aqui camaradas que estão preocupados e solidários contigo. Força maluco!

- Maluco és tu meu camarada, um abraço, até breve termino.

O dia estava a chegar ao fim e o Lopes estava cansadíssimo, os cigarros que fumava seguidos começavam a fazer o seu efeito, mas tinha dúvidas se iria ou não dormir, e como precisava de uma boa noite de sono...

Lamentou naquela altura não ter um soporífero qualquer.

Precisava mesmo de dormir!

Foi para a cama e deu por si sem conseguir dormir, o que lhe valia eram os cigarros que fumados uns atrás dos outros iam ajudando a passar a noite.

O seu pensamento vagueava, recusou-se a pensar no que se tinha passado durante o dia, embora esses pensamentos lhe viessem constantemente à cabeça. Queria dormir sobre os acontecimentos. Umás horas depois lá adormeceu, e, fantasticamente, num sono sereno e retemperador.

Levantou-se um pouco mais tarde do que o costume. O Marco já tinha tudo pronto para o mata-bicho. O pão estava quentinho, o padeiro continuava a fazer um óptimo pão e o pessoal adorava aquele pão quentinho ao mata-bicho que exalava um cheiro que contaminava todo o destacamento e arredores que barravam com manteiga e... vai disto. Os seus homens comiam logo de manhã um pão enorme, do tipo que na cidade chamavam de mil e duzentos, acompanhado de um bruto copo de café com leite. Aliás para eles não fazia sentido café sem pão.

O militar sorriu ao lembrar-se de uma cena, já lá iam alguns meses quando depois de almoçar com um grupo de 8 ou 10 soldados no melhor restaurante de Vila Pery - ele fazia questão disso, sempre que se deslocava com os seus homens para abastecimento não havia rações para ninguém, ia tudo comer por conta dele, ao melhor restaurante da localidade - quando chegou o café, nas suas pequenas chávenas, um dos soldados a dar-se um ar de muito importante, diz a um perplexo empregado de mesa branco:

- Então pá, trazes o café e não trazes os pão, como é pá?

Deu direito a uma grande gargalhada.

O destacamento estava calmo as coisas funcionavam dentro da rotina habitual.

O Lopes pegou na G3, chamou o Marcos saltou para o “pincher” e arrancou. Não conseguia estar quieto, a angústia quase o abafava. Deu uma volta ao aldeamento.

Queria sentir a população. Parecia calma e olhavam-no com uma certa curiosidade acompanhada de sorrisos.

Viu o Régulo e parou.

- Como vão as coisas?

- Vai bem sim senhor, o gente está muito contente.

- Vamos ver como vão as coisas correr no futuro.

- Vai correr tudo na paz, os pessoas já está muito cansado com estas coisas dos guerra.

Já chega! Nós querer voltar para nossas terra e para nossas machamba. Não é todo, mas muita gente não gosta de ficar aqui, quer ir para a machamba.

- Aqui há muito “milando” por causa dos vinhos e talqualmente por causa dos mulheres, és muita pessoa, eu já estar chateado com isso!

A questão do álcool, sobretudo na época das maçanitas, era uma questão preocupante.

Já uma vez na sua primeira passagem pelo Tchazica o Lopes tinha andado sentado no pincher, dentro do aldeamento, aos tiros a tudo o que era alambique porque os maiores de 12 anos, mulher ou homem, estavam todos, mas todos bêbados dias após dia.

- Não sei como é que vai andar tudo isto, mas a Frelimo não quer!
- Eu sabe disso, mas nós vai na mesma, se o meu chefe deixar.
- Para já não posso deixar nada, tem que ter alguma paciência agora, está bem?
- Está bem si senhora, meu chefe é que sabe, muito obrigado.

Foi nítido para ele que a resposta foi uma resposta de resignação, mas quanto tempo duraria esta resignação? Perguntava-se o Lopes. O gajo apesar de jogar nos dois tabuleiros estava a querer rabear.

Ele sabia, pela prática, que os aldeamentos eram contra natura para aquela gente, tinha que reconhecer que as suas ideias de “aldeias comunais” falharam, embora houvesse aldeamentos com algum sucesso. O Massangano, por exemplo, o aldeamento funcionava, depois de um período de chatices entre a população, foi aos poucos funcionando, outros, nomeadamente aqueles que se foram organizando juntos das sedes dos postos administrativos, também iam funcionando, e, sobretudo, as populações tinham tido de facto vantagens. Mais assistência médica e medicamentosa, mais apoio nas crises, as escolas funcionavam...

Enfim, sem se atrever a dizer que era um sucesso retumbante, as populações tinham tido vantagens, isto na sua perspectiva. Seria a mesma delas, da população? Tinha algumas dúvidas agora...

As suas dúvidas não tinham a ver com a sua convicção de que era necessário, para haver um desenvolvimento económico e social da sua terra a sério, um reordenamento do território, em que as populações tivessem benefícios, concretos da civilização actual. Em África, naquela África que ele conhecia tão bem, as populações estavam organizadas por famílias dispersas, afastadas quilómetros umas das outras. Junto das suas machambas. Era impossível dar condições de vida aquelas comunidades, levar água, luz, escola, etc. Etc. Etc., mas por outro lado, era assim que eles gostavam de viver e não em aldeamentos maiores, era contra natura viver em aglomerado. Gostavam de viver em pequenas comunidades, que iam crescendo com as mulheres que iam comprando, com os filhos que tinham, mais tarde com os netos e por aí fora. Era assim que eles gostavam de viver e viviam, no mato evidentemente, construindo as suas comunidades harmoniosamente e explorando as suas machambas. Nas cidades era completamente diferente.

A angústia e o medo que sentia faziam com que o Alferes se metesse “para dentro”, ainda mais do que já era habitual.

Junto a um grande embondeiro, de cócoras, completamente absorvido, a sua vida ia decorrendo aos seus olhos.

5º CAPÍTULO

Lopes da Gama

Toda a vida tinha lutado, era do contra, sempre do contra, manifestava sempre a sua opinião e, quase sempre, da maneira mais imprópria e inconveniente, porque dizia o que tinha a dizer muitas vezes de uma forma dura e quase sempre aos “berros” com alguma mistura de raiva e revolta. Mas era assim, de uma franqueza brutal, dizia o que pensava sem subterfúgios e acabava muitas vezes por magoar as pessoas e quase sempre quem menos queria magoar, deixando-o de rastos.

Como lhe dizia na sua adolescência o seu melhor amigo, o Sodas:

- Tu não percebes que na maioria dos casos nem sequer percebem o que tu queres dizer, as análises e os raciocínios das pessoas ficam muito pela superfície, não vale a pena irritares-te...

O Sodas foi o amigo que conseguiu fazer o Lopes aliar a sua curiosidade, a sua necessidade de leitura, quase compulsiva, com o estudo formal, curricular. Estudo formal esse que o “irritava”, detestava os horários, as normas, o ter que agradar, ter de ir às aulas aquela hora naquele dia e com cumprimento total de uma certa rotina. Foi por isso mais “fácil” para ele o estudo Universitário, que ele geria, do que os estudos secundários, em que era...gerido. De qualquer forma o facto de o Sodas o “obrigar” a uma certa disciplina fez “disparar” algumas notas do Lopes para surpresa ...dele próprio.

Esta sua maneira de ser, associada à sua coerência, parecia que “assustava” as pessoas, retraías e, por isso, embora ganhasse alguma respeitabilidade esta era associada à fama de “intra-tável”, com as inerentes consequências.

Quase se poderia dizer que o Lopes tinha sido “um menino de rua” os seus Pais viviam muito do trabalho e para o trabalho, ele costumava dizer que estavam entretidos... a ganhar dinheiro, não lhe dando muito apoio afectivo e social.

Como os Pais trabalhavam na indústria hoteleira vivia muito sozinho desenvolvendo por isso uma grande autonomia, era ele que se alimentava aquecendo a sua comida desde muito miúdo. Além disso tinha muito tempo para estar na rua, onde “criava” brincadeiras e aventuras, tanto nas barreiras, com alguns amigos vizinhos da rua e do prédio onde vivia, como também na sua imaginação inventava histórias de amor e viagens como se de realidades se tratassem. Nos dias de festas e feriados, quando os Pais dos outros estavam em casa os Pais dele estavam a trabalhar e o Lopes não deixava de sentir isso.

O espírito aventureiro era praticado com os seus amigos e vizinhos de infância nas brincadeiras que tinham nas chamadas barreiras, em Lourenço Marques mas também nos Escuteiros, que foi uma experiência não muito agradável e mais tarde já com dezoito anos no primeiro curso de pára-quedismo civil realizado pela Mocidade Portuguesa em Lourenço Marques. Também estava a tirar o Brevet de piloto e, já no pré-voe, desistiu por insistência da sua companheira. Mal ele sabia como todas estas experiências de vida viriam a ser tão úteis na guerra.

Mas o menino Lopes só queria que gostassem dele, ao fim e ao cabo só queria ser amado.

Como diz o poeta: “As coisas vulgares da vida não deixam saudades, só as lembranças que doem ou nos fazem sorrir.”... (Fernando Maurício)

O Lopes tinha muito mais lembranças que lhe doíam profundamente do que das outras.

Sobretudo da sua infância, e por isso aprendeu a não esperar nada. Nem dos outros nem da vida, ia vivendo...

O que se calhar lhe valeu era a seu gosto pela leitura, que lhe enchiam as noites e os dias em que estava sozinho é que ao fim e ao cabo quem lê está sempre acompanhado...

O que o tirou das ruas, de alguma maneira o disciplinou e educou foi o desporto.

O desporto em Moçambique era algo bastante cultivado pela sociedade. Assim, os Pais tinham-no posto a aprender a nadar para aí com três anos, na Associação dos Velhos Colonos com o Senhor Matos, onde andou algum tempo e uns anos depois, já noutra clube, o Desportivo de Lourenço Marques, acabou por se dedicar a sério à competição com alguns bons resultados.

Foi com o acompanhamento do seu treinador Eurico Jorge, seu “Pai”, seu “irmão”, seu Amigo seu mentor e dos seus colegas e Pais destes, onde estava incluído o Sodas que, finalmente, o Lopes “assentou” e teve suporte social e emocional para o seu desenvolvimento pessoal, social, cultural e evidentemente físico e emocional.

Não abandonado nunca a sua veia de “malandroco”...

Pelo facto de ter feito parte da selecção Nacional isso permitiu-lhe conhecer a Europa e o Brasil (de Norte a Sul) o que lhe deu uma real perspectiva do que era o regime autocrático em que se vivia na Metrópole e em África, o que acabou por lhe dar uma aprendizagem muito esclarecedora e prática daquilo que desejava para o seu futuro e para Moçambique.

Muito cedo constituiu família, para aí com dezanove anos. Esta sua companheira já vinha de um casamento falhado e com uma filha. Sabia que a prazo poderia não resultar, mas não podia “usar e deitar fora”, não era a sua maneira de ser.

Tentava tudo para criar o ambiente familiar que idealizava e nunca tinha tido, sobretudo porque tinha uma enorme adoração pela miúda que considerava como filha.

Mais uma vez tinha começado tudo ...demasiado cedo!

Quando foi chamado para a “tropa” poderia ter pedido adiamento por estar no Instituto Industrial, mas não quis. Tinha já responsabilidades familiares, tinha de cumprir o serviço militar, não tinha tempo para perder tempo...O mesmo aconteceu quando acabou o CSM (Curso de Sargentos Milicianos) foi convidado para fazer o COM (Curso de Oficiais Milicianos) recusou na hora. Ele não dava nenhuma importância a cargos e honrarias e não lhe fazia sentido que numa guerra ter o 7º ano fosse sinónimo de bom combatente e de bom oficial. Para ele era ridículo este conceito, como a realidade das tropas pacassas no mato lhe provavam isso mesmo até à sociedade, sobretudo com os oficiais do quadro permanente mas também com os milicianos. Felizmente foi para uma tropa que provava isso mesmo, durante algum tempo o valor de comando foi avaliado e conquistado em acção, mais nada.

Fruto da sua capacidade física tinha feito a preparação militar com alguma facilidade mas com total empenhamento, e desde que tinha ido para o CIGE que usava barba que era rala, enfim, mais uma colecção de pelos do que barba propriamente dita.

Não queria morrer na “praia”, isso não! Aliás, este aspecto, o de morrer no fim da comissão era um “fantasma” que perseguia todos os militares, e, nas circunstâncias presentes, ainda muito mais...era insuportável!

As suas preocupações estavam no auge. Tudo lhe vinha há mente. O passado, o presente e, sobretudo, o futuro! E por isso não podia deixar de pensar no reabastecimento do grupo. Normalmente ou ia a Mandia, a Tete ou ao Guro.

Mandia era uma pequena povoação a cerca de 100 km dali, onde estava uma companhia de pacassas e onde ele já se tinha chateado com o primeiro-sargento vagomestre e com o Capitão que não queriam perceber que o Lopes abastecia-se com o que queria e não com o que eles queriam ou lhes interessava... Depois de esclarecidas as coisas e estabelecidas as regras de jogo as relações normalizaram.

Aquela povoação tinha sido um centro de investigação e desenvolvimento de gado, nomeadamente de “caraculo”, uma raça de ovelhas que se adaptava bem aos climas quentes.

Era impressionante a qualidade das instalações agrícolas, embora simples, tinham um sistema em que o gado ao sair para pastar e depois ao recolher não podia deixar de passar por zonas de desinfestação e desinfeção dos animais.

A quando da sua primeira ida para a zona, no GEP 005, ainda tinha tido a noção da quantidade e qualidade do gado ali existente. Agora, com a guerra, estava tudo parado e as populações mais pobres, e senão estavam mais ainda era porque a “tropa” ia comprando o gado para seu sustento. Só que sem a orientação anterior este caminhava para o fim.

Era assim que o Lopes da Gama sonhava com o “seu” Moçambique, uma terra com o desenvolvimento assente em si próprio – na sua realidade, na sua investigação, no seu conhecimento. Numa espécie de política da negritude (valorizar aquilo que é Africano, como por exemplo as casas, em detrimento do Europeu) iniciada por Senghor no Senegal.

E isso acreditava ele, era perfeitamente possível. Acreditava que com um governo razoavelmente competente em meia dúzia de anos Moçambique seria verdadeiramente independente política/económica e financeiramente. O que significava para o Lopes também a auto sustentação alimentar.

Ao contrário daquilo que sucedia na Metrópole, em Moçambique não passava pela cabeça de ninguém tirar um curso de agronomia, agricultura ou veterinária e depois ficar em Lourenço Marques ou noutra grande cidade. Quem tirava cursos especializados, era para ir (e queria ir) para o mato...onde havia muito trabalho a fazer!

A guerra tinha acabado com muitos sonhos deste Moçambique. E agora, mais do que nunca,

tinha a intuição que se calhar não teria lugar naquela sua terra...

Mas ele para abastecer preferia ir ao Guro, embora bem mais longe. Significava para aí cerca de 400 km de picada, mas era a sua gente os seus camaradas do CIGE, que o recebiam de braços abertos com tudo do bom e do melhor que conseguissem arranjar.

Quando tinha transporte dos Fusos, ir a Tete subindo o grande Zambeze.

Estes pensamentos vinham-lhe à cabeça, de uma forma compulsiva, estes e outros. Até parecia que estava a “pôr as contas em dia”.

A vida, tal qual um filme, ia-lhe surgindo, mas não de uma forma cronológica mas sim de forma anárquica. Agora uma coisa, depois outra, numa mistura de histórias que ocasionava ao mesmo tempo uma mistura de sentimentos e emoções difíceis de controlar.

Mais uma vez sentia uma profunda solidão, sem minguem com quem partilhar as suas preocupações e as suas ideias como foi quase sempre ao longo da sua vida, sentia-se tremendamente só.

Só!

Estava com um terrível problema nas mãos, criado por ele e que ele tinha de resolver e ia resolver, pensou, quando se levantou do embondeiro de repente.

Em frente dele uma criança, também de cócoras, olhava muito séria para ele, e se assustou com o gesto repentino dele, há quanto tempo estaria ela ali? Perguntou-se.

Se fosse um turra tinha-lhe metido a kalash pelo cu acima.

Que importava isso, merda!

Regressou ao destacamento. Era hora de contactar com Massangano – com tanta preocupação tinha-o abandonado um pouco, ao fim e ao cabo era lá a “sede” e ele estava ali “emprestado” até ao nascimento do filho do Furriel Mico. A propósito, já teria nascido?

Teria corrido bem? Seria menino ou menina? Se bem se lembrava ele queria uma menina.

Leão 3, Leão zero escuto!

Leão zero, Leão 3 escuto!

- Como correm as coisas por aí?

- Por aqui tudo bem, também nervosos mas tudo bem, quando é que pensa fazer o reabastecimento?

- Não é para já enquanto não chegar o Leão dois não é possível, atenção à caça, não quero caça grossa neste momento é muito perigoso, vamos estar atentos à segurança, segurança mais segurança, entendido leão três?

- Entendido Leão zero.

- Então terminado até amanhã.

- Terminado.

As suas conversas eram rápidas e incisivas, o alferes Lopes não era de estar muito tempo no rádio e naquele momento muito menos.

6º CAPÍTULO

A traição

A manhã daquele dia 15 estava fresca, iria aquecer conforme fosse avançando o dia...

O Lopes foi tomar o mata-bicho, o Marco levou-lhe o café e umas torradas. Ele adorava torradas.

Passava das dez da manhã quando se aproximou o Régulo com dois guerrilheiros.

Percebeu que seria o encontro.

Perguntou pelo Comandante.

- O comandante onde está?

- Está ali senhor chefe, respondeu o Régulo, ele está ali naqueles casa e quer fazer banja com o senhor meu chefe.

- Mas porquê ali, porque não nos encontramos aqui?

- Ah meu chefe, é porque aqui é casa sua, ali não é de ninguém.

O sítio indicado era a cerca de trinta metros do destacamento, só os separava uma vala e era perfeitamente visível dali. Naquele momento estava a chegar o Jony Momba e o séquito, bastante diga-se de passagem, vestidos a rigor e a avançar com um “ar” muito decidido.

Chegara o momento...

Olhou à sua volta. Os seus homens, discretamente, iam-se colocando nos seus postos de segurança. Em frente, avançando em direcção ao destacamento um grupo de “Frelimos” – para aí uns dez – e junto do Jony estariam pelo menos uns 20 à vista...

Era gente a mais...!

O seu coração saltava, a cabeça pensava a cem à hora, tinha de tomar decisões rápidas.

Foi-se vestir, com o seu velho camuflado de combate. Começou a acalmar, era sempre assim quando chegava o momento de avançar, a cabeça começava a ficar concentrada, diria mais, super-concentrada Lopes da Gama passava a ser...só cérebro uma autentica máquina de guerra! Colocou o galão. Ia de camuflado de combate, mas de boina e galão!

Entretanto o Marco Chagas já se tinha ido vestir, e quando o viu assim fardado também foi colocar as suas divisas de cabo e a boina.

Entraram no “pincher”, ele e o Marco, desarmados, sem palavras um para o outro, com frieza e uma determinação terrível!

Seria o que fosse...!

Entretanto reparou que vinham cerca de vinte “Frelimos” em linha, para uma das laterais.

Assim, rapidamente na sua cabeça as contas eram de $10 + 20 + 20 = 50$, gente a mais para uma visita...e estavam ainda mais uns 10 dentro do destacamento. Estávamos praticamente cercados!

Mau!

Foi o erro fundamental dos turras. O mesmo pensaram os seus homens quando viram aquela linha aparecer e ostensivamente foram todos eles buscar as suas armas.

- Isto não é visita não é nada...isto não é visita...porra, porra....diziam eles.

Entretanto o alferes e o cabo chegavam ao local. Estava armado o circo...! Na clareira estavam

duas cadeiras, que depois foram aumentadas para três - uma para o Marco – os vinte homens em círculo, impecavelmente fardados, miúdos, quase todos eles.

- Bom dia caro Comandante parece que trouxe a tropa toda, disse o Alferes enquanto estendia e apertava a mão ao comandante.

Sorriu...

- Bom dia meu alferes, ainda tem os rolos das fotografias que tiramos?

- Não já as mandei revelar, estou ansioso de as ver, retratam um momento histórico o primeiro encontro da Frelimo com militares Portugueses em Tete/Manica e Sofala.

Era mentira, ainda tinha os rolos, mas não os daria por nada deste mundo.

Mas não tem mesmo? Gostaria de ser eu a mandar revelar.

Você? Onde?

- Temos os nossos meios de fazer chegar os rolos.

Estás bem tramado, Jony Memba, nunca mais verás as fotografias, pensou o Lopes...

Estava-se neste diálogo, quando chega o grupo do Joaquim – que tinha estabelecido os primeiros contactos – com um grande sorriso de satisfação e um aceno alegre para o Alferes Lopes da Gama.

O Jony Memba levantou-se de um salto e vai falar com ele, diz-lhe qualquer coisa e este avança para o destacamento.

Quando o comandante regressa ao local onde estávamos faz um sinal e logo dois homens agarraram o Alferes por traz e o amarram enquanto um guerrilheiro, um puto, saltava à sua volta aos gritos.

- Queres morrer...? Queres morrer...? Queres morrer...?

E o Lopes da Gama resistia, saltando e gritando insultos e rodando o corpo, enquanto eles lhe pegavam nos braços e tentavam levá-lo em peso.

- Filho da puta...! Traidor de merda! Não me levas vivo...larga-me imediatamente cabrão!

O covarde do Jony Memba avançava para o interior do aldeamento em passo de corrida.

Entretanto no destacamento o seu soldado condutor Inácio vê o que se estava a passar e grita...

- O Alferes está amarrado, o Alferes está amarrado!

E começa o fogachal...

Mal os soldados dispararam os primeiros tiros, os dois “heróis” que o agarravam largam-no e fogem e ele atira-se para o chão.

Cai o dilagrama...o Lopes ouve os estilhaços voar ao seu lado, os tiros na sua direcção continuam, tiro a tiro, bala a bala, - os seus soldados certificavam-se assim da sua segurança – e ele continua no chão fazendo-se de morto, enquanto sentia os passos dos turras a correr em disparada.

O tiroteio era intenso, corpo a corpo e de todo o lado.

Mas, para a sua zona, só tiro a tiro, localizado, de forma a não o ferir e não deixar ninguém aproximar-se dele.

O Lopes da Gama já não suportava aquela imobilidade, tinha de ir em auxílio dos seus homens,

já há algum tempo que não sentia ninguém a passar e levanta a cabeça.

Dá de caras com um turra que ia a correr e naquele exacto momento se virava para disparar.

Os olhos cruzam-se...ele faz uma espécie de sorriso, o Alferes encolhe-se em posição fetal, é agora! ...pensa.

O turra dispara uma rajada, os projecteis silvam e batem no chão junto da cabeça e do corpo do Lopes, ele sente um ardor terrível na cabeça...

Tinha sido atingido...!

Encolheu-se mais, sentia o cheiro a queimado, mas mexia-se...esperou um pouco e levantou-se. Correu para dentro da primeira palhota a poucos metros e tentou desamarrar-se - não conseguiu!

Estava possesso de raiva e angústia, os tiros já eram esporádicos. Voltou a correr, atravessou uma rua e atirou-se para dentro de outra palhota.

Nessa palhota rolou e puxou os punhos que sangravam, mas ele não sentia nada para além do ódio e angústia.

Tinha de se libertar para ir ter com os seus homens. Rolou novamente, puxou as cordas com os dedos e conseguiu soltar-se!

Estava livre!

Avança para o destacamento, primeiro a correr depois a andar.

Alguns dos seus homens avistam-no e gritam!

- O nosso Alferes está vivo...! O alferes está vivo...! E correm a abraçá-lo.

Alguns choram convulsivamente, com muita raiva à mistura, outros só encostam a cabeça ao peito e na cabeça do Lopes, como crianças, e apertam-no.

As lágrimas também corriam do rosto chamuscado e cheio de pó do Lopes, deixando sulcos na face.

O disparo do turra tinha-lhe queimado ligeiramente o couro cabeludo, o sangue já estava seco, os pulsos é que sangravam mas nada de especial.

O espectáculo que o Alferes via era dantesco. Mortos e ferido de ambos os lados dentro do destacamento, em alguns casos quase lado a lado.

Deu um berro para o rádio

- Pede apoio aéreo!

- Já pediu, meu Alferes.

- Evacuação zero horas, com puma!

- Sim senhor.

Entretanto alguém lhe tinha posto a sua G3 na mão, começou a correr, desceu o pequeno declive, só pensava no Marco Chagas.

- Meu Deus, o Marco, meu Deus...dizia para dentro de si.

Correu para a zona onde se tinha dado a traição, lá estava o Marco, deitado de bruços, um braço encolhido por baixo o corpo.

Morto!

- Oh Marco, meu Marco, perdoa-me... gritava o Alferes Lopes da Gama debruçado sobre ele e deitando o corpo do Cabo no seu colo.

Alguns dos soldados que o tinham acompanhado na corrida afastaram-no do cadáver.

- Ele já não ouve, já não está cá, já foi embora...

Pegaram no corpo e transportaram-no para o destacamento.

O Lopes acompanhou-os enquanto tentava recuperar. Parou para fazer uma avaliação, era uma coisa nunca vista, devia ser assim nas guerras clássicas, mortos das forças em conflito perto uns dos outros, era disparar para a frente e para trás, num corpo a corpo mortal.

Pelo caminho tinha visto o Joaquim, morto, com um ar de completo espanto.

Tinha morrido sem saber nada, até nisso o “camarada” Jony Memba (Machesse), era um mau comandante - só os seus interesses e a sua segurança é que contavam.

Já o enfermeiro lhe tinha dito, três mortos e cinco feridos. Dos feridos só um é que lhe parecia grave. Tinha três tiros numa perna.

Foi para junto deles, estavam a ser tratados. O dos tiros na perna volta que não volta perdia a consciência e o Alferes agarrava-lhe as mãos. Numa das vezes que veio a si disse:

- É só pele, o sangue é igual, a gente sofre da mesma maneira... dizia apertando a mão ao Alferes.

Havia lágrimas, mas não gritos, era um sofrimento para dentro, sem queixumes ou acusações, mas com muito ódio e um grande desejo de vingança.

Entretanto tinham chegado os FIATs. Começaram a bombardear forte e feio a periferia... “não queria estar no lugar dos turras...” pensavam todos.

Devia ter sido batido o recorde de prontidão da FAP (Força Aérea portuguesa), tal a rapidez de resposta.

A solidariedade na tropa não era de facto palavra vã!

Os hélios estariam a chegar para a evacuação, naquele momento era só o que lhe importava. O Lopes não deixava os feridos, embora precisasse de ir ao rádio para sossegar todos – deviam estar a pensar o pior – mas só depois...!

- Meus Alferes vêm aí os hélios, e vem o hélio canhão!

E vinha. Os disparos não se fizeram esperar. Catchapum, catchapum, catchapum...

O puma começou a baixar, as portas estavam já abertas, o pessoal que vinha dentro estava parvo com o espectáculo e estavam mais pálidos do que o alferes. Nem sabiam por onde começar! Os GEPs não perderam tempo, em poucos minutos estavam todos dentro do puma. Os vivos e os mortos.

Três mortos e cinco feridos. Mais tarde para desespero do Lopes da Gama o ferido da perna, Moisés, viria a morrer com uma embolia pós-operatória. Da Frelimo três mortos.

Feridos, nenhum à vista! Mas teria havido muitos, pelos rastos de sangue que se viam um pouco por todo o lado!

Quatro GEPs mortos tinha custado aquela aventura.

E agora?

O rádio estava silenciado desde os primeiros tiros. Alguns guerrilheiros tinham metido as armas pelos buracos da palhota e dispararam a esmo. Só por acaso o homem do rádio tinha saído incólume e este não tinha ficado inoperacional. Depois envolveu-se no combate e, acabado este, nas acções de evacuação. Toda a rede estaria naquele momento em suspenso...

Foi para o rádio.

- Águia, leão zero.

Sentiu um “suspiro de alívio” na rede, mas o silêncio era a de um cemitério...

- Leão zero águia, estás bem?

- Tínhamos a informação que estavas ferido ou pior que tinhas sido morto ou capturado.

Foi muito mau isso?! Filho da puta, não se pode confiar nesses tipos.

- O que correu mal?

- Tudo! Tentaram um golpe de mão. Numa guerra de bate e foge tive um final de guerra corpo a corpo. Tenho três mortos e cinco feridos. Não conseguiram levar ninguém; eu levei uma rajada mas só me queimou ligeiramente o couro cabeludo e tenho umas feridas nos pulsos.

- Nos pulsos?

- Sim amarraram-me e tentaram levar-me em braços, mas mal os meus homens começaram a reagir, fodiaste, largaram-me logo!

- Tens de fazer o relatório pormenorizado de tudo.

A “velha veia” militarista burocrática dos papéis vem sempre ao de cima.

- Claro, entretanto vou fazer a perseguição com uma equipa. Estou cheio de ódio, de raiva, de pena de mim mesmo. Isto é um cocktail de sentimentos que nem sei se choro, se rio da minha burrice, ou simplesmente dou um tiro na cabeça!

- Vais nada ouviste!? Vai chegar reforços aí do 009 de Tete. Está quietinho e acalma-te.

Precisas de alguma coisa?

- Neste momento só de vingança, não sei se alguém perceberá o que sinto!

- Tem calma tem calma. Amanhã falamos.

- Águia quando chegarem os reforços saio para o mato, aí não há volta a dar!

- Ok Leão terminado.

Pouco depois chegou um subgrupo do 009 comandado pelo Alferes, comandante do grupo. Mal saiu do hélio veio a correr dar um abraço ao Lopes da Gama. E como ele precisava daquele abraço, forte e silencioso.

Naquele momento não queria palavras. Queria acção!

Embora se fizesse noite saiu com alguns homens para o mato, seguindo as pistas bem patentes, dos turras.

Partiu na direcção que o camarada Machesse tinha tomado na sua fuga. Olhos no chão, atentos a todas as pistas, os seus homens, os mais especialistas em pistas, abriram uma linha ao lado, para evitar emboscadas. Todos com grande atenção aos sinais que eram muitos ali dentro do aldeamento.

Rapidamente afastaram-se em direcção ao rio...

Foi fácil seguir algumas pistas pelos rastros de sangue, esporadicamente no destacamento ouvi-am tiros e explosões ao longe, depois deixaram de se ouvir, Lopes da Gama e os seus homens, quase corriam, andavam de dia e de noite, conseguiram um guia turra que tinham apanhado ferido num ombro que depois de explorado os encaminhava para a base do Machesse, a alcunha do militar estava viva bem viva, Alferes base, nada o impediria de descobrir e atacar a base.

Teve sorte, a atenção às pistas e a necessária fuga aos trilhos foi tão grande que quando deram por ela estavam a entrar pela base a dentro ao meio dia do segundo dia, em linha e aos tiros. Avistou o Régulo na base, não ficou nada surpreendido, mais uma vez a sua “pulga atrás da orelha” estava certa. O traidor que foi apanhado à mão em voo quando tentava fugir por um dos homens do Lopes, levou um murro que o atirou contra outro soldado que lhe deu um monumental pontapé, pôs-se de joelhos com medo e o espanto espelhado no rosto quando olhava para aquele miúdo que estava vivo mas velho, bem mais cocuana que ele próprio...

Gritava!

- Meu alferes desculpa por favor, não queria isto, mas não queria mesmo, foi obrigado pela Frelimo...

- Foste uma merda, se não querias, se não foste cúmplice porque fugiste? Porque não me avisaste? Porque estás aqui?

E ele gritava e chorava com a G3 encostada à testa.

E o Lopes disparou!

Do comandante Machesse nada, tinha escapado.

Esteve fora mais de três dias, sem rádio, num silêncio total e em silêncio voltou.

Quando a andar mais lentamente voltava para o destacamento, parou num morro e formou um círculo com os homens que o acompanhavam, olharam-se entre eles, olhos nos olhos, não falaram, olharam-se bem e depois olharam para o céu e para o horizonte.

À distância já cheirava a cadáveres putrefactos. E estando o céu cheio de abutres, aquelas aves execráveis que juntamente com as hienas limpavam o mato, outros estariam em decomposição espalhados pela floresta. Durante a noite bem tinham ouvido as hienas a “rir”...

Um cheiro a morte insuportável tinha aquele aldeamento e aquele destacamento.

As hienas tinham desenterrado os turras e eles estavam todos esventrados e em decomposição total.

O Lopes não conseguiu deixar de pensar que tudo aquilo cheirava como ele se sentia.

Morto, enterrado e...podre.

Ninguém fez perguntas. Nos GEPs não há comentários não há...

Mandou reunir a população do aldeamento.

Levou consigo as armas dos turras mortos no destacamento e os dos outros. Não estava muita população, mais mulheres e crianças e tinham um ar entre assustados e envergonhados.

Perguntou como era? Estava vivo para surpresa deles e queria saber o que pensavam e porque tinham alinhado com o Régulo.

Um dos velhos respondeu.

- O meu alferes não teve culpa, nós estar contente com o chefe estar vivo e ter armas deles; não foi bom a Frelimo, não era assim que agente queria; mas cabeças deles é que sabe, quem paga somos nós com mais sofrimento...Mas o meu chefe tem todo os razão de estar zangado. Não podia haver mais os guerra.

Lopes da Gama tinha consciência que o facto de estar vivo e ter ido desarmado para o encontro, mais o facto de usar barba e a luta que tinha havido, queria dizer para aquelas almas que o seu “espírito” era muito forte. Incrível!

Não era por acaso que quem falava era o feiticeiro mais velho do aldeamento...

E agora perguntou-se:

- Agora vão enterrar os mortos da Frelimo bem enterrados com bastantes pedras.

- Sim senhor pode deixar.

Estavam mansos que nem cordeiros. A família do Régulo não abriu a boca e não olhava de frente para o Lopes.

Estavam assustados.

E não era para menos, a frieza e dureza na expressão daquele jovem, que naquele momento parecia ter envelhecido uns anos, era de facto de assustar qualquer um.

Alguns dias depois veio a ordem de regresso ao CIGE, o 006 iria ser substituído no Massangano e em Tchazica.

Ele iria fazer todos os preparativos para a rendição com todo o cuidado, não fosse o diabo tecê-las e o Machesse ainda tivesse forças para tentar uma emboscada. O Lopes iria mandar um subgrupo a pé para emboscar algumas zonas do percurso entre o Massangano e o Tchazica de forma a proteger o grupo que vinha e depois iria recuperando os seus homens ao longo do caminho.

Mas o grande e secreto desejo do Lopes é que a emboscada sucedesse e que fosse comandada pelo Machesse para ele o apanhar.

No Guro, o Alferes Lopes da Gama iria fazer um relatório circunstanciado dos acontecimentos e uma leitura da estratégia política da Frelimo que na sua opinião estava a tentar algo de sensacional de forma a pressionar Lisboa nas negociações que decorriam em Lusaca (imaginem o que seria aparecer um oficial GEP amarrado em Lusaca) e que por isso todas as forças militares deviam estar bem alerta.

Pouco mais de quinze dias depois, para vergonha dos militares portugueses, aconteceu Omar! O aviso cairia em saco roto...

Entretanto depois da banja, o Lopes que não tomava banho para aí há cinco dias e mal se tinha alimentado, foi para o rio tomar banho. Levou a G3, a toalha, o sabão “macaco”, deu uma série de tiros para o rio. E mergulhou.

Sentia-se sujo com um cheiro pestilento que parecia sair dele próprio esfregou-se ensaboou-se

vigorosamente várias vezes e mergulhava no rio, mas nem o cheiro saía nem ele se sentia limpo. Parou e olhou para a berma do rio, uma série de soldados mantinham a sua segurança e, de vez em quando, lá davam mais uns tiros para a água à sua volta para afugentar os crocodilos, outros dos seus companheiros despiam-se, para também eles virem tomar banho. O Alferes comoveu-se depois de tudo aquilo que ele tinha causado e do que tinham passado, estavam preocupados com ele e com a sua segurança...estava a ficar uma merda de um sentimentalão.

Mas talvez por isso mesmo o pensamento insidioso que o perseguia dia e noite desde a morte do Marco Chagas, veio mais forte do que nunca do interior das suas entranhas e martelava na sua cabeça e na sua alma...

PORQUE NÃO MORRI?!

Pequeno glossário:

Banja – Reunião alargada

Pincher – Pequeno veículo de transporte todo o terreno Mercedes Benz do tipo

Unimogue mas bem mais pequeno e instável por ter rodas muito altas e ser estreito.

Pacassa – “Alcunha” da chamada tropa normal.

Milando – Chatices e confusões entre as pessoas (na dialecto Ronga).

Puto – Como os negros chamavam a Portugal.

Muana – Miúdo em dialecto Sena Como Mufana em dialecto Ronga.

Cocuana – Velho. No dialecto

Se acabou de ler este conto, tenho uma proposta a fazer-lhe: se considera que valeu a pena ler e que pode interessar a outros divulgue o conto pela mesma via que o recebeu, ou outra, se não gostou, deite fora.

Participe na experiência da possibilidade dos autores se "livrarem" das editoras.

Pague pela leitura deste conto entre ZERO e cinco páginas caso tenha, ou não, gostado.

E possa!

Transfira para a conta da Caixa Geral de Depósitos 0120 009848600

Ou NIB - 003501200000984860084